

LOCAIS DA UNIVERSIDADE PARA COMPREENSÕES DE QUESTÕES RACIAIS: OLHAR DE MULHERES NEGRAS GRADUANDAS

VANESSA DUTRA CHAVES¹; STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA²

¹Vanessa Dutra Chaves – d.chavesvanessa@gmail.com

²Stefanie Griebeler Oliveira – stefaniegriebeleroliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As diversas discriminações sofridas por mulheres negras estão presentes em toda a trajetória de sua vida, seus efeitos mostram-se em todos os lugares que estas pretendem ocupar. A produção de estudos que tenham o objetivo de ampliar a discussão sobre gênero e raça são de suma importância, pois as mulheres negras sofrem os efeitos de racismo e machismo em seu cotidiano (BAIROS, 2000).

Kimberlé Crenshaw (2002), refere que a interseccionalidade são as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Em particular, ela aborda as maneiras pelas quais o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades fundamentais que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, nações, classes e outros. Além disso, a interseccionalidade trata de como certas ações e políticas criam uma opressão que flui ao longo de tais eixos, formando aspectos dinâmicos ou ativos de exclusão.

Pensar a entrada e permanência de mulheres negras nas universidades deve considerar também sua produção epistemológica, em contraste com a presença clara de normas científicas masculinizadas, brancas e eurocêntricas. Escrever sobre experiências e trajetórias destas mulheres em universidades públicas sugere uma reflexão sobre seus percursos e as dificuldades que enfrentam para estar e permanecer em espaços acadêmicos, questões relacionadas às questões qualitativas e estruturais presentes na universidade hegemônica padrão (ALCÂNTRA; SILVA JUNIOR, 2020).

Isso impede que a população negra tenha acesso a determinados espaços, auxiliados por discursos que transmitem simbolicamente falsas ideias de igualdade e oportunidade que ignoram as assimetrias imperiosas da sociedade. Nesse contexto, as mulheres negras são ainda mais desfavorecidas e sofrem opressões interseccionais relacionadas a raça, classe e gênero (CRENSHAW, 2002).

O presente resumo destina-se a conhecer os locais de compreensão racial dentro da Universidade Federal de Pelotas a partir do olhar de mulheres negras graduandas do local.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado de maneira qualitativa com a participação de 22 mulheres – todas elas jovens adultas e negras. Os critérios de inclusão no estudo envolviam estar matriculada em um programa de graduação na universidade específica, autodeclarar-se como pessoa negra (preta ou parda), situar-se na faixa etária entre 20 e 24 anos, bem como falar português. Para realização da pesquisa foi-se utilizado um questionário na forma de uma entrevista semiestruturada e este foi disponibilizado através da Plataforma Google Forms. A coleta de dados ocorreu de forma remota/online, durante o mês de setembro de 2022. O mês de outubro foi destinado para analisar os relatos coletados. A pesquisa foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, recebendo a Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 62023822.7.0000.5317.

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso da autora e para analisar os dados coletados foi utilizado o referencial de autores (as) negras importantes na luta antirracista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionadas sobre os locais de compreensão racial dentro da universidade as meninas apresentam diferentes opiniões. Em uma das falas, a participante afirma sentir-se segura para discutir questões raciais em espaços ou grupos específicos:

“No coletivo hildete bahia, com meus 2 colegas mais próximos pois acredito que eles compreendam melhor sobre o que é o racismo em si” (Lupita Nyong'o, 23 anos).

Percebo que a universidade vem constituindo espaços com a liberdade de dialogar sobre a temática de racismo, como os coletivos de produção de pesquisa, extensão e ensino. Ainda há espaços de ordem terapêutica, sendo importante destacar o predomínio de pessoas pretas no espaço de fala.

Espaços para dialogar sobre cotas raciais incita o debate dentro da universidade, bem como na comunidade, sendo de extrema relevância, pois abrange diretamente a maior parte da população brasileira: pessoas negras. Este tema gera discussões sobre a sociedade a qual estamos inseridos, emergindo assim dentro do ambiente acadêmico, coletivos de lutas e representatividade de minorias. Dialogar sobre estas temáticas gera autorreflexão e crítica da nossa posição dentro da sociedade. Para além disso, incita uma ponderação sobre a realidade do nosso país, expõe-se os preconceitos e encoraja para que as soluções sejam encontradas (MATOS, 2014).

Outras participantes referiam que seu círculo de amizade garante a segurança, confortabilidade, compreensão dentro do ambiente acadêmico auxiliando assim em momentos de liberdade para dialogar sobre temáticas raciais mesmo que seja algo com total liberdade para algumas participantes.

“Quando estou com minhas amigas porque sei que elas estão dispostas e me ouvir e entender mesmo que não seja a realidade delas” (Audre Lorde, 24 anos).

“Na faculdade, nenhum apenas na roda de colegas/ amigos mais próximos da faculdade.” (Ana, 23 anos).

A única vez que sofri uma situação racista fui acolhida pelas colegas com quem eu tinha maior afinidade, e, por ironia, elas são brancas” (Dandara dos Palmares, 24 anos).

Observo a importância dos vínculos de amizade para que sejam realizados espaços de liberdade e diminuídos os momentos de solidão dentro da vida acadêmica. Além disso também foi possível analisar a importância de pessoas brancas na luta antirracista, onde estas também podem vir a ser apoio em situações onde o racismo ocorra.

Pessoas brancas antirracistas são importantes, como parceiros políticos dessa luta protagonizada por pessoas negras, aquelas que sofrem o racismo e suas consequências. É importante ressaltar que uma pessoa branca nunca será expropriadora dessa luta para não invisibilizar e negar os protagonismos de pessoas negras, caindo em armadilhas e lugares de poder da branquitude acrítica. É necessário que a pessoa na luta antirracista, não esteja em um lugar confortável, passivo e acomodado, longe de conflitos que sujeitos negros e indígenas tem que dizer sobre como enfrentar o racismo é preciso que se busque o conhecimento. É necessário construir espaços de negociação e de confiança política, com base em princípios acordados conjuntamente, para que possamos aprender a construir estratégias políticas juntos (CARREIRA, 2018).

Entretanto outra relata não possuir nenhum local de fala sobre a temática de racismo, o que se torna um agravante e outras preferiram o silêncio:

“Não tenho um lugar” (Ângela Davis, 20 anos).

“Xxx” (.Marielle Franco, 24 anos).

“.” (Zezé Motta, 22 anos).

Embora a universidade contenha espaços para lutas antirracistas no local, algumas alunas ainda não acessaram ou não se sentem seguras para estar no local. Estas nos levam a refletir sobre o que isto quer dizer? bell hooks (2010), nos fala sobre o ato de reprimir os sentimentos como uma maneira de sobrevivência ainda é um aspecto presente na vida de pessoas negras mesmo após a escravidão. Como o racismo e a supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravatura, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. O medo da aprovação ou da reprovação, medo de errar, medo de acertar e arcar com as consequências disso, são silêncios que fazem parte da expressão do medo. Os silêncios cravados pela máscara de ferro utilizadas em nossos antepassados faz com que nos sejamos ensinados a nos silenciar e dificulta que nos alimentemos da nossa negritude e gritemos nossa revolta. É necessário romper as amarras dessas prisões coloniais modernas tem sido desafios pesados: respirar, falar, escrever, existir e fazer com que nossas vozes ressoem (CAMARA, 2020).

4. CONCLUSÕES

Observo com o presente resumo que as mulheres negras possuem alguns locais de compreensão na universidade, isso com o auxílio de coletivos de negritude, com amigos e pessoas brancas parceiras na luta antirracista. Não obstante ainda há mulheres que preferem não dialogar e ainda reprimem seus sentimentos quando questionadas sobre questões raciais.

Seguir estudos neste tema, tornando possível discussões a respeito das questões raciais, garantindo os espaços, as relações, o apoio, e especialmente a vez de voz, poderá contribuir para a permanência e ascensão social das mulheres negras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRROS, L. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 23, 2000. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990>. Acesso em: 1 set. 2023.

CÂMARA, F. D. Do respirar ao escrever: formas de aniquilamento E subversão das existências negras. **Mulheres Cientistas Das Humanidades: A Quem Interessa O Que Elas Pesquisam?**, v. 1, n. 1/2, p.85-108, 2020. Disponível em:
https://ifch.ufpa.br/images/PDF/Revista_Humanitas/Humanitas_vol_1_n1-2_2020.pdf#page=83. Acesso em: 22 nov. 2022

CARREIRA, Denise. O lugar dos sujeitos brancos na luta antirracista. **Sur-International Journal on Human Rights**, v. 15, n. 28, p. 127-37, 2018. Disponível em: <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-denise-carreira.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos, da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p.171-188, 2002.

HOOKS, B. Vivendo de amor. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**, v. 2, p. 188-198, 2010.

MATOS, C. N. Ações afirmativas e o combate ao racismo: dez anos de cotas na Universidade de Brasília. 2014. 34 f. Monografia (Bacharelado em Ciência Política)— **Universidade de Brasília, Brasília**, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8459/1/2014_CaioNoronhaMatos.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022